

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS

Patrícia da Silva Maciel<sup>1</sup>

*Resumo:* Este artigo tem como objetivo discutir o processo de fortalecimento da leitura e construção identitária de crianças quilombolas através da contação de histórias, trazendo um pouco sobre a importância de contar histórias para as crianças, com intuito de que as mesmas se identifiquem e se valorizem na sua cultura e etnia. Enfatiza, também, a importância da formação do educador nesse processo para a escolha das leituras e dos contos que serão trabalhados com as crianças. Para enriquecer essa discussão, este trabalho busca dialogar com autores que contribuem com a temática proposta, procurando entender como esse processo de contar histórias pode ser positivo na formação de crianças negras no que diz respeito à leitura e construção identitária.

*Palavras-chave:* Leitura. Construção identitária. Contação de histórias. Formação do educador.

### INTRODUÇÃO

Ler é uma prática que proporciona ao indivíduo pensar e descobrir novos horizontes, permitindo-o viajar na própria imaginação, além de ampliar os conhecimentos, “o imaginário legitima formas de compreensão das identidades. Sendo a política expressão de uma ordem moral vigente, as mudanças valorativas ocorrem nas práticas sociais ao longo do tempo, criando novos imaginários sociais.” (BINJA, 2015, p.54). Por isso, é importante despertar o prazer pela leitura na infância para que a criança perceba o valor do ato de ler.

O imaginário social é constituído pelas percepções das pessoas de sua existência social, ou seja, de como elas integram e entram em acordo, das práticas sociais que as representam, que estão baseadas em noções normativas de vida. O imaginário social acaba envolvendo um senso moral de expectativas de comportamento que cada um tem em relação aos outros, que permitem cumprir e validar determinadas práticas coletivas (BINJA, 2015, p. 54).

A criança brinca com a imaginação e a fantasia, gosta de ouvir e ler histórias, tornando-as realidade, no entanto, se faz necessário por parte do professor escolher livros de histórias, ou contos que permitam a criança se ver nos personagens, nas situações e lugares que são relatados nas histórias. A leitura através da contação de histórias pode ser importante para a criança quilombola, pois poderá ajudar a mesma a enfrentar o preconceito e o racismo. Por isso, é de fundamental importância a formação do educador, pois os mesmos precisam estar inseridos nessa realidade com uma visão crítica e se sensibilizarem para com a criança, tendo muito cuidado na escolha do material que será trabalhado, principalmente com as leituras e contos escolhidos. Os professores precisam entender que as crianças, jovens e adultos negros necessitam ter voz para saírem da posição de

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus II.

colonizado, posição que é imposta pela sociedade racista, ajudando-os a se reconhecerem e valorizarem a sua cultura, seus costumes e tradições, pois “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. (FANON, 2008, p 104)

O ato de contar histórias se dá em diversos lugares, por diversas pessoas, pois é uma tradição antiga. De alguma maneira, a criança acaba ouvindo histórias, que pode acontecer em diversos cenários, e contadas pelos pais, avós, tios e outros, e que são fundamentais para o desenvolvimento da mesma. Porém esse trabalho se preocupará em abordar a contação de histórias e o processo de letramento que ocorrem no âmbito escolar, entendendo quais as contribuições que a contação de histórias pode trazer para a construção identitária da criança quilombola, assim como fazer parte do processo de letramento.

[...] as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da personalidade [...], quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar. (STREET, 2006, p.466)

Portanto, esse estudo será subsidiado por autores que discutem letramento, contação de histórias, formação do educador e construção identitária.

## **DESENVOLVIMENTO**

Para compreender o processo de letramento e construção identitária através da contação de histórias é de fundamental importância discutir e analisar o papel do educador nesse processo, pois o mesmo tem uma função social muito relevante na formação da criança. Esse educador precisa estar sempre refletindo sobre a prática docente, pois essa mesma prática interfere de maneira positiva ou negativa no processo de ensino e aprendizagem, tendo um grande impacto na vida da criança, principalmente no âmbito da formação do pensamento crítico.

A prática pedagógica do educador precisa estar pautada de forma clara e em argumentos plausíveis sobre o que é educação, porque essas ações serão traduzidas no momento de realização de planos de aulas, escolhas de material didático e, também, no seu comportamento, influenciando ou contribuindo na forma de pensar e no comportamento da criança. Mas para uma prática consciente e crítica cabe aos professores refletirem sobre as práticas de letramento, ter o cuidado de não reproduzir um letramento dominante como a única forma de letramento e compreender que existem outras práticas de letramento, pois:

[...] Quando outros letramentos são reconhecidos, como, por exemplo, nas práticas de letramento associadas a crianças pequenas ou a diferentes classes ou grupos étnicos, eles são apresentados como inadequados ou tentativas falhas de alcançar o letramento próprio da cultura dominante: exige-se então a atenção remediadora, e os que praticam esses letramentos alternativos são concebidos como culturalmente desprovidos (STREET, 2006, p. 472).

O professor pode proporcionar situações interativas nas aulas, auxiliando os alunos, em especial a criança, na descoberta de si e do mundo, pois as questões sociais e culturais estão direta ou indiretamente implantadas no processo de aprendizagem, assim, significando uma atitude de abertura à realidade, porque ter um senso de realidade deve ser também, uma preocupação básica do sujeito do conhecimento (LUCKESI, 2007, p. 85). Para tal fim, recomenda-se que o professor na sua prática pedagógica reflita e a direcione para uma análise crítica, principalmente dos materiais didáticos, para proporcionar um processo de leitura mais interativo, incluindo a contação de histórias no exercício das aulas, ajudando a criança, principalmente a quilombola, vivenciar e experimentar uma aula descontraída, criativa e contextualizada, fazendo parte do seu cotidiano, da sua vida de aluno e cidadão crítico, para que essa mesma criança não se torne um sujeito despreparado e alienado em relação a sua história, permitindo-a se empoderar para enfrentar uma sociedade burguesa e impositiva. Segundo Frantz Fanon (2008, p. 194), “a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa [...] proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta.”

Para tanto, é primordial proporcionar práticas de letramento contextualizadas à criança para possibilitar a capacidade de pensar na realidade e todo o contexto social, pois “os processos de letramento não podem ser entendidos simplesmente em termos de escolarização e pedagogia: eles são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes (STREET, 2006, p. 475), podendo proporcionar-lhes o estímulo necessário para pensar na sua condição de ser humano pertencente a um espaço que é próprio da sua cultura e “será também na escola que a criança aprenderá atitudes em relação ao seu grupo e a outros grupos raciais representativos em sua sociedade, que são sustentados pela família e pela sociedade mais ampla.” (Coleção a COR DA CULTURA, v.1, p. 83). Partindo desse pressuposto, os professores precisam saber que ensinar não é apenas transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1999, p. 52).

É importante discutir, ainda, a necessidade de o professor conhecer e pensar como se constrói a identidade de um indivíduo, saber que “a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis” (HALL, 2006, p. 12), além de saber quais são suas

referências e se são positivas ou negativas, e quais são os espaços que fazem parte para que se possa trabalhar com textos e contos que permitam a criança a identificar-se no seu cenário cultural.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que engarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição a sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana (ANDRADE, 2005, p. 120).

Por isso, é muito importante fazer uma análise criteriosa dos meios de comunicação que servem como apoio didático, como filmes, livros, gibis, revistas, etc., que serão utilizados pelas crianças como apoio pedagógico, pois “[...] ao término da socialização primária a criança terá construído um mundo subjetivo, bem como terá incorporado” papéis sociais básicos, seus e de outros, presentes e futuros e adquiridos as características fundamentais de sua personalidade e identidade “(Coleção A COR DA CULTURA, v1, p. 84).

No entanto, é relevante que o professor saiba identificar o contexto social e psicológico das crianças.

Assim, o professor precisa analisar e compreender as características de desenvolvimento psicológico e social de seus alunos para que seu ensino seja eficiente e eficaz. Assim, conhecendo o contexto dos alunos, o professor poderá usar uma linguagem adequada e contextualizada (MORETTO, 2003, p. 112).

Para que o professor tenha consciência da sua contribuição na formação de uma criança negra é relevante participar de formação continuada, principalmente, para trabalhar conteúdos da cultura afro-brasileira, desenvolvendo uma educação para as relações etnicorraciais, abordando temáticas etnicorracial como conteúdos multidisciplinar e interdisciplinar, construindo projetos pedagógicos que possibilitem a valorização dos saberes comunitários e a oralidade como instrumento de processos de aprendizagem, promovendo o fortalecimento da auto-estima da criança. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (2004).

A contação de histórias trabalhada na escola poderá ser uma prática de letramento que estimule a criança para o entendimento da importância dos valores e respeito às diferenças, assim como a ajudando nas descobertas de si e fazendo parte do processo de letramento ideológico, pois “letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você

pode ser.” (MAGDA SOARES, 2016, p. 43), possibilitando a criança negra a entender as diversidades das culturas e dos modos de ser, valorizar as etnias e estimular o imaginário. Nesse contexto, a contação de histórias colabora na formação de leitores e avulta as etnias, secundando para o entendimento da diversidade cultural, tornando possível à criança, através dos contos, construir seu modo de ser, sua identidade, dando sentido a tudo que está ao seu redor, porque somos seres históricos, e “o ser humano é não apenas um ser que conta histórias e ouve histórias, mas, sobretudo é um ser que faz histórias” (SANT’ANNA, 2011, p. 14)

A identidade, vista a partir da sua mobilidade e mutação, é formada e transformada continuamente em relação às formas por meio das quais o sujeito é representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam. Ela é definida historicamente, o sujeito assume diferentes identidades em distintos momentos, identidades que não são unificadas em torno do “eu” coerente, e muitas vezes contraditória (BINJA, 2015, p. 73).

Quando a criança está inserida no processo de letramento, é proporcionada a mesma capacidade de informar-se, refletir, pensar, e saber selecionar aquilo que é de interesse e relevante para a sua vida se descobrindo como cidadão, pois “Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela, selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as tiras de quadrinhos” (SOARES, 2016, p. 42).

Utilizando a contação de histórias como prática de letramento, a leitura passa a ser mais prazerosa e capaz de proporcionar a criança através das imagens e dos enredos, identificarem valores e crenças por meio de combinações simbólicas se reconhecendo nas obras infantis, sendo sem dúvida um fator crucial para a construção da identidade, pois a mesma permite ampliar os horizontes, ajudando a desenvolver a capacidade de fazer relações, comparações, dar sugestões, além de conduzir o professor a perceber conflitos existentes nas relações estabelecidas entre as crianças, em especial a criança negra, que é alvo da mídia que impõe padrões estéticos eurocêntricos. A obra literária se torna um caminho para a criança se fortalecer enquanto cidadão porque:

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações? “Nesse processo, eu gosto e desgosto de uns e outros e formo opiniões a respeito daquele ambiente ou daquele tipo de pessoa ou sentimento” (LIMA, 2005, p. 101-102)

Por que não trabalhar com livros de histórias que abordem questões étnico-raciais, com personagens negros, mas que adotem papéis que não façam a criança se sentir melhor ou pior em

relação sua raça. Existem livros infantis que trazem personagens negros, mas quase não se vê nas escolas, existindo, assim, uma violência simbólica. Segundo Frantz Fanon (2008), em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, é necessário cessar as ações antirracistas, acabando com as máscaras brancas, definindo a mente das crianças diante às raízes africanas. Não se pode pensar que há problemas em contar histórias de escravos, mas sim na abordagem que se faz ao tema, pois de acordo com Heloísa Lima (2005, p. 109) “o problema não está em representarmos a imagem negra nesta ou naquela expressão. A diferença para uma criança não negra está no número de opções em que ela se vê para elaborar sua identidade. Em todo o leque dessa oferta, podemos encontrá-las, nas mais diferentes formas e jeitos”. Já não acontece o mesmo com a criança negra que “encontra imagens pouco dignas para se reconhecer, o que não está na profissão, mas na altivez, simpatia, inteligência, enfim, integridade como pessoa e não apenas bobice como configuração”(LIMA, 2005, p. 109).

É necessário, que o professor assuma uma postura antirracista, visto que “o racismo veda o acesso a tudo (educação, saúde...) isso, limitando para alguns segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo” (MOORE, 2007). Assim, poderá contribuir com uma educação, em termos gerais, vinculada às matrizes culturais diversificadas, pois fazem parte da formação da identidade do indivíduo, porque “para dar conta a nossa identidade precisamos ter uma compreensão daquilo que tem importância crucial para nós, e é, concomitantemente, saber a posição em que nos colocamos.” (BINJA, 2015, p. 53). Pois é de suma importância trabalhar com estratégias que permitam a criança respeitar os valores positivos que surgem do confronto das diferenças e, assim, desativando a carga negativa de preconceitos que são marcados pela visão discriminatória para haver o respeito aos direitos humanos, assim, “[...] qualquer estudo de práticas de letramento deve por isso situar as atividades de leitura e escrita em contextos mais abrangentes e em motivações para o uso” (BARTON, 2000, p. 6).

[...] é o respeito às matrizes culturais a partir das quais se constrói a identidade dos alunos, com atenção voltada para tudo aquilo que vá resgatar suas origens e sua história, como condição de afirmação de sua dignidade enquanto pessoa, e da especificidade da herança cultural que ele carrega [...] (MOURA, 2005, p.78)

É por meio da educação, principalmente na infância, que se podem encontrar caminhos para banir o racismo, que está entranhado nas questões econômicas, políticas e culturais, pois são esses racistas que usufruem dos privilégios sociais negados aos negros. A escola é uma instituição que pode, sim, por intermédio dos professores em sala de aula e com um planejamento pautado nas questões antirracistas, incentivar a criança a perceber que não é necessário mudar seu fenótipo para se sentir aceita em uma estrutura dominante e sociorracista. A criança negra não pode estar inserida

em um processo de tentar um embranquecimento, mas ser preparada para agir em prol de uma mudança das estruturas sociais, no entanto:

O negro não deve mais ser colocado diante desse dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor [...] (MOORE, 2007, p. 95).

Entende-se que a instituição escolar é um espaço de possibilidades de libertar a humanidade da barbárie e da escravização lançada pela indústria cultural na sociedade e semiformação enraizados no processo de escolarização, mas, por outro lado, a escola reproduz condições para a desigualdade, individualismo e conformismo que, também levam a barbárie. Por isso, os professores necessitam, através de eventos e práticas de letramento, formar cidadãos capazes de pensar sobre si e sobre o mundo, e isso pode ser possível trabalhando com contação de histórias, com temas diversos e pautados no contexto social, ético e na contemporaneidade para que o mesmo possa ser flexível e respeitar a cultura do outro.

A contação de histórias permite o encontro com o eu, pois é através dela que o sujeito se identifica e se projeta nos personagens, relacionando sua vida aos enredos, aos cenários e aos aspectos culturais que estão embebidos nessa literatura. Por isso, é de suma importância trabalhar a literatura e contos com crianças, pois permite que as mesmas se construam num processo individual e, também, no coletivo, assim o processo de contar histórias precisa conter uma cultura de tratamento igualitário, respeitando a singularidade e suas dimensões familiares, culturais e sociais.

[...] não cabe elevar a cultura in abstracto a uma norma nem a um assim chamado valor, pois os protestos de teor semelhante – devido justamente à sua enorme arrogância – cortam as relações de todo o cultural com a busca de uma vida digna de seres humanos e contribuem para aquela neutralização do espírito que, por sua vez, aniquila a formação cultural (ADORNO, 2005, p. 17).

O processo literário é um bem cultural, pois é resultado de criação artística, tornando-se instrumento de formação intelectual e afetiva, principalmente para crianças em plena fase de aprendizagem, além de contribuir no processo de formação cultural, propiciando o espírito de liberdade, determinismo, resistência, mudança e construção de identidades.

Todas as culturas devem incluir práticas como prestação de cuidados à infância, a educação, a assistência social, a comunicação e o apoio mútuo, pois de outra forma não poderiam reproduzir-se e seriam incapazes, entre outras coisas, de desenvolver actividades de exploração (EAGLETON, 2003, p. 38).

A contação de histórias permite a criança pensar na realidade e todo o contexto social, tendo-a como estímulo para pensar na sua condição de ser humano pertencente a um espaço cheio de contradições sociais e de uma diversidade exacerbada, mas essas histórias devem ser vistas pelas crianças como algo que o liberte, percebendo a história como um produto cultural com o qual possa

interagir de forma significativa, pois tem um papel relevante no desenvolvimento intelectual de crianças.

A indústria cultural não permite que o indivíduo fuja da normalidade do óbvio, tornando os sujeitos sem rostos, sem personalidade e sem individualidade. Esses sujeitos passam a usar as mesmas coisas, assistir aos mesmos filmes, ler os mesmos livros, e se destoar desse fluxo passa a ser discriminado, pois a indústria cultural se aproxima da publicidade, ou seja, vende um ideal, vende um produto, tornando reacionária e um mecanismo de dominação cultural.

## **CONCLUSÃO**

Diante das reflexões realizadas, percebe-se que não há mais espaço para uma educação engessada, formal e descontextualizada. É preciso adequar o currículo as necessidades sociais e culturais da criança, para que a mesma possa se firmar e se sentir segura enquanto cidadão de direitos, e a literatura é um caminho para essa formação, pois é uma “arte que povoa a imaginação, e por isso, tem o seu espaço na formação da mente plástica do ser que ela tem acesso” (ANDRADE, 2005, p.118).

O ato de contar histórias possibilita relacionar questões sociais aos conteúdos que são necessários para o bom desenvolvimento escolar de uma criança, pois:

[...] a educação formal desagrega e dificulta a construção de um sentimento de identificação, ao criar um sentimento de exclusão para o aluno, que não consegue ver qualquer relação entre conteúdos ensinados e sua própria experiência durante o desenvolvimento do currículo [...] (MOURA, 2005, p. 74).

É relevante ressaltar, também, a fundamental importância de cessar o racismo e o preconceito. É muito importante inculcar na criança a capacidade de entender a magnitude do respeito às diferenças de raça, etnias, crenças, e condições sócio econômicas, para tentar acabar com o ódio existente nas pessoas devido aos comportamentos racistas.

Segundo Carlos Moore (2007, p. 289):

O preconceito, medos e ódios seculares que o racismo gerou ao longo dos tempos se têm enraizados no imaginário coletivo dos diversos povos e sociedades, formando incríveis labirintos de sentimentos inconfessos de repulsa automática contra o segmento de origem africana e de insensibilidade para com seus interesses e anseios.

Enfim, inserir a contação de histórias nas aulas como forma de ajudar na construção da identidade é muito valiosa para as crianças quilombolas, pois as identidades são construídas a partir das relações sociais, ou seja, as mesmas se dão nos espaços familiares, escolares religiosos, além das relações culturais e históricas, podendo ser construídas e reconstruídas. (HALL, 2003). Logo, quando

a criança precisa sair da sua comunidade para estudar em outros ambientes diferentes dos seus, poderão se posicionar enquanto indivíduos que se reconhecem e tem orgulho da sua raça, pois “[...] nas escolas, o racismo se expressa de múltiplas formas: negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida de nossa posição no mundo, da nossa humanidade” (CASTRO, 2006, p. 182). Desta forma, a criança precisa estar fortalecida para se expressar sem medo e receio o seu fenótipo.

A contação de histórias pode possibilitar cessar o preconceito no ambiente escolar, pois é o primeiro espaço social fora da família em que a criança se depara com as diferenças, não deixando que esse espaço se torne um lugar de sofrimento, tornando-a desestimulada. É muito importante inculcar na criança a capacidade de entender a magnitude do respeito às diferenças de raça, etnias, crenças e condições sócio econômicas, para tentar acabar ou minimizar com o ódio existente nas pessoas. Por isso, é relevante que os professores assumam um papel reflexivo junto às crianças, problematizando situações de poder para tentar resgatar elementos emancipatórios da razão na condição de esclarecimento e libertação, orientando a criança e o jovem para a força de um pensamento crítico da instrumentalização da cultura na sociedade capitalistas e, como futuro consumidor, saiba analisar o cenário político e social em que está inserido. “O consumidor torna-se a ideologia da indústria da diversão, de cujas instituições não consegue escapar” (ADORNO, 1985, p. 17).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANDRADE, Inaldete OPinheiro. Construindo a auto-estima na criança negra. KABENGELE, Munanga (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- BINJA, Elias. *Multiculturalismo: a identidade do sujeito nas tensões sociais contemporâneas em Charles Taylor*. São Paulo: LiberArs, 2015.
- BUSATO, Cléo. *Contar & Encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRASIL. Ministério da educação/ Conselho Nacional de educação. CP/DF Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.
- CARVALHO, Eliane. Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e a afetividade. In: *Saberes e fazeres*, v.1: modos de ver/ coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdade em nome de igualdade/* coordenação de Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. 360 p.
- EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. Trad. Sofia Rodrigues. 1.ed. Oxford, 2003.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. *Da diápora: identidades e mediações culturais*. SOVIK (Org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guarira L. Lourenço. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIMA, Heloísa Pires. Personagens Negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. KABENGELE, Munanga (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2ed. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- LUCKESI, Cipriano. et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. 320 p.
- MORETTO, Vasco Pedro. *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MOURA, Glória. O direito a diferença”. KABENGELE, Munanga (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2 ed. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA: reprodução de desigualdade em nome de igualdade/* coordenação de Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro. – Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. P.360.
- SABERES E FAZERES*, V.1: modos de ver/ coordenação do projeto Ana Paula Brandão. – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. 116 p.: Il. color. - (A cor da cultura)
- SANT’ANNA. Affonso Romano. Contação de estórias: vida e realidade. PRIETO, Benita. (Org.). *Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes*. 1 ed. Rio de Janeiro, 2011. 240 p.
- STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filosofia e Linguística Portuguesa*, n.8, p. 465-488, 2006.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 128 p.